Ano VIII — Lisboa, Dezembro de 1952 — N.º 92

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Paz entre os homens

PELO DR. MANUEL CONCEIÇÃO JR.

A humanidade celebra a Festa da Família uma vez em cada ano. Festa de novos e de velhos, de pobres e de ricos, de crentes e de incrédulos; festa de ternas manifestações e de evocação saudosa. Quer ela tenha o carácter religioso e santo dos cristãos ou exprima apenas uma tradição alegre na intimidade dos lares, não se lhe pode negar o poder do mistério que lhe deu origem, a beleza gloriosa do acontecimento que transporta a inteligência, à distância de séculos, para curvar-se reverente diante do quadro vivo de Deus feito criança, na humilde cidade de Belém.

O nascimento de Cristo é um facto singular na história da humanidade. Marca pontos extremos de duas épocas; pode dizer-se de dois mundos. Chegou até lá a antiguidade da Velha Dispensação, cujos princípios se perdem nas sombras da pré-história. Começou lá a continuidade do Novo Testamento que tem a iniciá-lo a mais sublime das epopeias escritas pelos homens, mas concebida e inspirada pela sabedoria de Deus.

À volta do Natal há uma complexidade de tradições que se tornaram queridas e que a acção do tempo não apaga nem deslustra. Umas agradáveis porque falam de inocência, de paz e de amor; outras simplesmente fúteis porque servem de pretexto para excessos de vaidade e extravagâncias de mau gosto. Mas por isso o Natal não deixa de ser a quadra mais festiva do ano, aquela em que o sentimento cristão vibra com mais intensidade, a repartir caridade, a suprir faltas, a suavizar tristezas, a bendizer a doçura do amor materno.

Contudo, para que a festa do Natal seja bem celebrada, é preciso que o seu significado seja bem compreendido; é preciso que leviandades e abusos arreigados no costume de muitas famílias sejam corrigidos à luz da Verdade que o Verbo Eterno trouxe ao mundo. É preciso que povos e nações reconheçam a importância da mensagem divina que a multidão dos exércitos celestiais fez ouvir em Belém, cântico de triunfo que S. Lucas interpretou por estas palavras: «*Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre os homens a quem Ele quer bem.*»

PAZ é a grande bênção que Deus proclamou no mundo ao anunciar o nascimento de seu Filho Unigénito; «Paz seja convosco» foram as palavras de saudação que Jesus dirigiu aos seus discípulos quando lhes apareceu pela primeira vez depois de levantar-se do túmulo; Paz é uma dádiva sobrenatural que Deus concede ao homem para fortalecer-lhe a vida e o coração. E para que essa Paz exista, é necessário que o homem se esforce e queira recebê-la.

No entanto, aquilo que mais falta no coração do homem é Paz, porque ela não pode manifestar-se na vida sem que primeiro exista no espírito, pois o espírito fortalece-se com a luz, nutre-se da Verdade e enche-se com o bálsamo divino da doce tranquilidade que provém da confiança em Deus. Quando falta essa confiança, enfraquece a Paz. Por isso, importa auxiliar os cegos de espírito com o mesmo carinho que nos merecem aqueles que são cegos dos olhos do corpo.

Numa recente palestra feita pelo digno subsecretário da Assistência Nacional, sr. Dr. Ribeiro Queirós, para a campanha a favor dos cegos, há afirmações que são dignas de ser ouvidas e meditadas. Entre outras, recorda-nos a seguinte: «*É atroz a angústia do cego; tão ardente que não há piedade que possa dominá-la; tão aguda que não há compaixão que a consiga adoçar*». A seguir, faz este apelo: « *Que todos os dotados da*

(Conclui na 2.ª página)

O ESCOTISMO na Assembleia Nacional

Na sessão de 19 de Novembro passado, da Assembleia Nacional, o Sr. Dr. Jacinto Ferreira ocupou-se de diversos aspectos da educação moral e cívica da juventude portuguesa e, a esse propósito, fez o elogio do Escotismo, formulando comparações com a organização nacional da Mocidade Portuguesa.

Não nos referiríamos a esta intervenção se nos não tivesse chocado a diferença que o ilustre deputado constantemente estabelece entre o Corpo Nacional de Escutas e os Escoteiros de Portugal, cujo nome não cita, parecendo que à única instituição escotista que deve, em seu entender, merecer confiança aos poderes públicos é a sua associação, o C. N. E.. Termina mesmo o seu discurso declarando: «As organizações privadas mas similares (em especial o Corpo Nacional de Escutas) devem ser reconhecidas como de utilidade nacional e gozar das mesmas regalias, para si e para os seus filiados, de que beneficiam os inscritos na organização oficial».

Não queremos diminuir os méritos do Corpo Nacional de Escutas, mas parece-nos necessário lembrar ao Sr. Dr. Jacinto Ferreira que a Associação dos Escoteiros de Portugal tem 40 anos de vida activa ao serviço desinteressado da Nação, numa obra valiosa de educação junto da mocidade de todos os credos, opiniões e classes, formando cidadãos de carácter íntegro, prestimosos e úteis, que servem com dedicação nos mais diversos sectores da vida nacional.

Em determinado passo do seu discurso, o Sr. Dr. Jacinto Ferreira lembra «que pelos frutos é que se conhece a árvore». Pois os frutos dos Escoteiros de Portugal estão à vista e não receiam confronto com qualquer outra instituição educativa. Os rapazes que passaram pelas nossas fileiras, hoje homens de responsabilidade, honram a nossa

(Conclui na 2.ª página)

Bodas de Prata do Escotismo Catalão

Cumpre-se neste ano de 1952 o 25.º aniversário da fundação do Escotismo da Catalunha — se bem que nos seja agradável recordar com orgulho ao nosso ilustre predecessor, o Capitão Rosselló, que já em 1913 fundou os «boy scouts barceloneses», mais tarde desaparecidos — e, por tal motivo, temos o prazer de fazer chegar ao Conselho Internacional de Escotismo um renovado testemunho da nossa existência e adesão, e a todas as associações escotistas do mundo uma carinhosa saudação de fraternidade.

Saudamos também a todos os antigos componentes dos «Exploradores de España», «Scouts Hispanos» e outros movimentos escotistas espanhóis, a que desejamos que esta mensagem sirva de estímulo para recomeçar as suas actividades e possamos assim unir os nossos esforços para melhorar a educação da juventude. Saudamos muito especialmente aos nossos queridos irmãos dos «Boy Scouts del País Valencia» com os quais nos unem tantos laços de afecto, fruto das circunstâncias históricas e de virmos trabalhando juntos desde estes últimos anos.

Os nossos primeiros 25 anos de existência foram particularmente duros para nós. Nascemos em 1927 num regime de excepção política e, posteriormente, em 1929, 1931, 1934, 1936 e 1939 deram-se mudanças políticas importantes em Espanha. As ditas mudanças e sobretudo as revoluções e guerras civis não criaram certamente o clima mais adequado para que a acção educadora do Escotismo possa chegar de uma forma constante ao grande público e contribuir com ele a melhorar de uma maneira sensível a vida do país.

As dificuldades, pelo contrário, forjam o carácter, estimulam a vontade de trabalhar e criam o espírito de serviço nos bons escoteiros que têm a sua fé posta em Deus e nos destinos históricos do seu país. Ela tem permitido que o nosso Movimento supere as dificuldades e tenha contado sempre com chefes capacitados e treinados — nem sempre todos aqueles que faziam falta — que têm assegurado a continuidade do Escotismo, mantendo-o apartado em todo o momento das lutas e conflitos políticos.

Actualmente não são permitidas em Espanha outras associações de juventude que a declarada oficial e afecta ao Partido Único; tolera-se, no entanto, que nas Paróquias, Colégios, Centros Excursionistas e entidades culturais utilizem o método escoteiro internacionalmente reconhecido como insuperável para a educação da juventude e confirmado, pela experiência destes últimos anos, como único de valor permanente e que sobrevive.

Durante estes 25 anos, só houve uma interrupção de actividades organizadas como consequência da guerra civil, porém, inclusivamente durante este período, os escoteiros, individualmente ou em pequenos grupos, fizeram honra à sua Promessa e mantiveram-se fiéis à Lei. Esta continuidade permitiu que em todo o momento as novas gerações substituíssem as antigas e se mantivessem num nível técnico elevado. Por outro lado, os nossos contactos com o Mundo Escoteiro através dos «Jamborees», «Rover Moots», leitura das revistas e sobretudo o contacto pessoal com dirigentes estrangeiros, permite-nos estar ao corrente e seguir as evoluções e aperfeiçoamentos do Método. Por outro lado, os livros básicos de B.-P. são nosso norte e guia, recordando-nos a todo momento a essência do espírito e método escoteiros.

As nossas Alcateias, Grupos e Clãs levam a cabo, com relativa normalidade, os seus programas, tanto nas cidades como no campo. O adestramento de chefes realiza-se mediante Unidades Modelo e Campos-Escolas para os quais contamos com a valiosa ajuda dos «Scouts de France» e da «Interfédérale Belge du Scoutisme».

Iniciamos os nossos segundos vinte e cinco anos de existência com grande decisão e alegria. Sentindo-nos integrados na fraternidade mundial do escotismo, mandamos um abraço fraternal a todos os escoteiros do mundo inteiro e confiamos, com a ajuda de Deus, poder-vos saudar de novo em 1977 por motivo das nossas Bodas de Ouro.

Barcelona, Setembro de 1952

M. de M. — B. S. de C.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Casamento — Por procuração, e representado por seu Pai o nosso dedicado colega de redacção Sr. Faustino Leitão, efectuou-se no dia 29 de Novembro p. p. o acto civil do casamento do nosso estimado amigo e antigo escoteiro do Grupo 94, Sr. Ernesto Renato Gama Leitão, que se encontra em Lourenço Marques, com a Sr.ª D. Anunciação Rodrigues Ferreira, tendo testemunhado o acto como padrinhos a Sr.ª D. Maria Pais e seu esposo Sr. José Pais.

A noiva segue brevemente para aquela cidade. «Sempre Pronto» formula sinceros votos de muitas felicidades aos noivos.

● **De luto** — Só agora tivemos conhecimento do falecimento, ocorrido há cerca de 4 meses, do pai do nosso bom amigo e antigo escoteiro Sr. Victor do Nascimento, a quem apresentamos condolências muito sentidas.

● **Nascimento** — Endereçamos os nossos parabéns à Sr.ª D. Maria Teresa M. de Sousa Pereira Jardim e Eng.º Jorge Pereira Jardim, ilustres membros da família escoteira e amigos dedicados do «Sempre Pronto», pelo nascimento de mais um bebé, uma encantadora menina, a quem desejamos muitas felicidades.

A Melhor Resposta

O desprezo é a melhor resposta aos ataques dos imbecis, dos cobardes e dos miseráveis.

A justiça e a verdade acabam sempre por triunfar e confundi-los.

NELSON

O Escotismo na Assembleia Nacional

(Conclusão da 1.ª página)

Associação servindo com brilhantismo nos mais altos cargos da Nação, nas Ciências, nas Letras, nas Artes, no Ensino, no Exército, na Marinha, no Jornalismo, na Indústria, no Comércio e em todas as profissões como funcionários cumpridores. Se esta árvore dá tais frutos, merece, deve pelo menos merecer, a consideração daqueles que se apresentam como paladinos da justiça, justiça que o Sr. Dr. Jacinto Ferreira não faz ao estabelecer uma distinção entre as duas organizações escotistas, distinção que parece fazer mesmo recair certa suspeita sobre os Escoteiros de Portugal.

Paz entre os homens

(Conclusão da 1.ª página)

graça da visão se congreguem e unam em torno dos seus irmãos invisuais». Este é um dever imperioso do crente: auxiliar os cegos do corpo e do espírito para que no meio das suas dificuldades e atribulações encontrem o conforto dessa Paz que Deus proclamou ao mundo e Cristo dá aos seus discípulos.

Que as bênçãos deste Natal caiam abundantemente sobre todos os lares, e despertem povos e nações para uma melhor compreensão de Deus, do amor e da vida. Que a mensagem da Paz entre em todos os corações para triunfo do Cristianismo e progresso da humanidade.

M. CONCEIÇÃO JR.



FESTA DE NATAL

NA FLORESTA AUSTRÍACA

Quando saímos da sede e tomámos o eléctrico até aos subúrbios da cidade, a tarde já estava a declinar. Tinha sido um destes dias de Inverno, triste e húmidos, cheios de nevoeiro. O chão estava molhado e, aqui e além, via-se a toalha cristalina da água empoçada. Quando chegámos ao bosque, o solo já não estava enlameado, mas um vasto lençol de neve o cobria em toda a sua extensão.

A marcha continuava ritmada por entre as árvores da floresta. Uma vez por outra, atirávamos com bolas de neve uns aos outros, com grande gáudio dos lobitos, que acharam imensa graça verem Akelá sentado na neve. As árvores tomavam formas estranhas, e aquele ambiente misterioso subjugáva-nos. Em certa altura, o Chefe pediu silêncio. Todos nos calámos e olhámos em redor, a procurar o motivo de tão inesperada ordem. Mas a marcha continuou, silenciosa e cadenciada, até que o Chefe, erguendo os braços, nos apontou dois veados, comendo de um fardo de palha que um guarda florestal lhes tinha trazido. Assim que nos pressentiram, largaram imediatamente o pascigo e refugiaram-se atrás de uns arbustos.

Íamos agora a subir a encosta. O manto da noite já havia descido sobre a floresta e marchávamos em plena escuridão. O cume do monte já não ficava longe. O guia da patrulha «Veado» marchava à frente de todos, parou de repente a olhar para uma pequena árvore, que estava por trás de uma elevação de terreno. A árvore estava curiosamente engalanada. Quando nos aproximámos, vimos que estava enfeitada com velas acesas, e dos seus ramos pendiam pacotinhos de bolachas e de outras guloseimas. A explicação foi fácil: os seniores, cuja ausência ainda não houvéramos notado, tinham-se antecipado e ornamentado a árvore. Ao contrário de milhares das suas irmãs, aquela árvore de Natal estava firmemente ligada à terra. Perto do tronco, via-se uma grande vela acesa, que simbolizava a vinda de Jesus à Terra para ser uma Luz no meio das trevas da ignorância e do mal. Estávamos encantados com aquela visão e perguntávamos a nós próprios se não estaríamos sonhando. A solidão do bosque, os flocos de neve caindo brandamente no tapete imaculado, a brisa ligeira que fazia oscilar com suavidade as ramadas das árvores, emprestava ao ambiente um cunho tão invulgar e fantasioso, que nos enlevava.

Lobitos e escoteiros deram-se as mãos e formaram um círculo à volta da árvore de Natal. O senhor cura, no meio, falou-nos do Natal e da vinda do Redentor. Disse que devíamos tornar-nos luzes na escuridão e conservarmos acesa a chama da pureza e o fogo do bem. Quando terminou, primeiro muito baixinho, depois aumentando progressivamente a voz, entoámos a canção «Noite Clara e Eterna». As nossas vozes, que mais pareciam as de um coro angelical, perdiam-se na imensidão da floresta. Parecia que o Céu tocava a Terra. O Chefe contou depois a história desta canção austríaca, a qual foi tocada pela primeira vez numa Igreja da Alta Áustria e hoje é conhecida em todo o mundo. Disse ainda que, durante a última guerra, amigos e inimigos confortaram-se na noite de Natal cantando a mesma canção, festejando assim a vinda do Messias prometido. O Chefe enalteceu depois o valor do movimento escotista e dos seus Ideais, no meio de um mundo cheio de incertezas e de guerra.

Cantámos depois uma canção escotista e, a seguir, dois lobitos e um escoteiro fizeram a promessa, no meio da maior emoção de todos os presente. Depois, mãos dadas, entoámos o «Adeus». A nossa alma sentia-se enlevada e o ar puro da floresta dáva-nos em cheio no rosto e enchia o nosso peito de alegria e bem estar. O Chefe distribuiu uma vela acesa a cada um dos rapazes e, com elas empunhadas, empreendeu-se a caminhada de regresso. As bolachas e os doces ficaram suspensos da árvore, como brinde de Natal para os passarinhos da floresta.

As velas, colocadas dentro das lanternas dos escoteiros, iluminavam o caminho. Todos se sentiam cheios de boa vontade, de satisfação, de bondade. A longa fila dos escoteiros lembrava os habitantes da montanha a caminho da igreja, no vale.

Quando chegámos à sede, algumas das nossas madrinhas já tinham preparado mesas e bancos e acendido o fogão. Tomou-se uma boa chávena de cacau, que a todos confortou. No meio de grande júbilo, o Chefe e Akelá distribuiram pelos rapazes valiosos brindes de Natal. Por sua vez, Escoteiros e Lobitos brindaram-se mùtuamente com pequenas lembranças e no fim foi-lhes entregue um grande saco cheio de guloseimas, oferecido pela direcção do grupo.

Os Chefes também trocaram brindes entre si. Todos estavam alegres e um espírito de amizade fraternal reinava ali. E quando foi dada a ordem de recolher a casa, um escoteiro não se conteve sem exclamar:

— Chefe! A festa e os presentes da sede foram bonitos. Mas a mais bela aventura para mim foi a festa na floresta, a qual jamais se desvanecerá na minha memória».

Trad. de «*Unser Ziel*» por Wolfgang Karl

(Adaptado)

5.ª Exposição Fotográfica de Campismo

Organizada pela Secção de Campismo do Ateneu Comercial de Lisboa

O «Sempre Pronto» esteve presente na inauguração desta Exposição Fotográfica, a convite da respectiva secção do Ateneu, que sempre nos honra com o melhor acolhimento.

Além das fotografias integradas no concurso, figuraram na Exposição secções com material de propaganda turística da Argentina, Comissariado Geral do Turismo Francês, Centro Nacional Suíço de Turismo, Dinamarca, Grécia, Delegação do Turismo Espanhol, Grã-Bretanha, Holanda, índia, Uruguai e ainda o Secretariado de Informação, Cultura Popular e Turismo. Também se fez representar grande número de Juntas de Turismo do país. Foi autor do projecto desta Exposição o Sr. João Alves Pereira Mateus, coadjuvado pelos Dirigentes da Secção Srs. Henrique da Piedade Vieira, José Mineiro Tiago, Armando Fernandes e outros campistas.

O Sr. David da Fonseca apresentou duas interessantes colecções: Entomologia, já nossa conhecida, ampliada com novos trabalhos, que despertou vivo interesse. Numismática, onde as medalhas comemorativas figuram em grande número, constituindo uma autêntica lição de história universal.

A Exposição ocupou quatro salas e foi inaugurada pelo Sr. Dr. Ayala Boto, Inspector Geral dos Desportos, acompanhado pelos Srs. Professor Cruz Filipe e Avelar Machado, respectivamente Presidentes da Assembleia Geral e da Direcção do Ateneu e ainda pelos representantes dos países citados.

O bom gosto, que presidiu à decoração e arrumação das salas, deixou em todos uma agradável impressão, tendo sido também muito apreciado o material para campismo.

Agradecendo o convite que nos foi feito, apresentamos felicitações ao Ateneu e aos seus campistas pelo êxito da sua Exposição.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Novos rumos para os Escoteiros de Portugal



A rotina é o maior perigo que pode atingir um grupo de escoteiros. Quando ela se instala numa unidade escotista, as actividades tornam-se monótonas, despidas de todo o interesse, os rapazes enfadonham-se, começam a ausentar-se e o grupo depressa se desorganiza e se transforma num centro de reuniões sonolentas. É esta a situação de muitos dos nossos grupos que arrastam uma vida apagada, com efectivos reduzidos, meros números no activo do Movimento. Precisamos, porém, de encarar de frente esta situação e apelar para a boa vontade e diligência dos Chefes, a fim de dar uma lufada de vida nova às nossas unidades espalhadas por todo o país.

Aproveitando a evidente fraqueza de muitos dos nossos grupos —fraqueza que não podemos negar — já outros se apresentam vitoriosos, estabelecendo comparações. É necessário que nós, Escoteiros de Portugal, façamos um esforço que honre a tradição do nosso Movimento e revigore os nossos Grupos, para que possamos comemorar no ano próximo, com dignidade e brilho, o 40.º aniversário da nossa Associação.

Para isso, urge que cada chefe olhe de frente o seu próprio Grupo e investigue a forma como está desempenhando o seu cargo. Estarão os escoteiros satisfeitos com a orientação do Grupo? Sentem prazer nas actividades? Comparecem regularmente às reuniões? As patrulhas estão activas? Têm os seus efectivos completos?

* * *

Para responder a estas interrogações, importa primeiramente averiguar as razões que levam os rapazes a ingressar num grupo de escoteiros. Seguramente, podemos concluir sem receio de erro, que um rapaz de 12, 13 ou 15 anos não está absolutamente nada interessado em problemas pedagógicos ou educativos. É, portanto, inútil, neste esforço de reconstrução das nossas unidades, arengarmos longas palestras enaltecendo o valor do método educativo do escotismo e louvando os seus elevados objectivos. O rapaz não se interessa por esses «problemas» de «gente velha». O que o trouxe para o escotismo não foram as excelências dos seus processos de educação, mas a esperança de encontrar aqui oportunidades magníficas para efectuar uma vida cheia de aventura, numa acção alegre e constante em contacto com o ar livre, tomando parte em jogos e exercícios repletos de surpresas e até de mistérios, sonhos que apelam à sua mocidade. O Escotismo terá de dar satisfação a estes anseios, ou o rapaz se sentirá desiludido e abandonará o Grupo.

O Fundador, que definiu o Escotismo como um jogo cheio de entusiasmo, dizia aos Chefes: — «Os rapazes vêm até vós desejando realizar imediatamente o trabalho dos Escoteiros; não arrefaceis o seu entusiasmo com longas explicações preliminares. Dai-lhes jogos e exercícios que correspondam aos seus desejos; os pormenores virão pouco a pouco à medida que avançais». Para alcançar este objectivo deve o Chefe rever os seus processos de trabalho e organizar um novo programa de actividades, imaginando jogos e exercícios atraentes, que despertem a curiosidade dos rapazes e mantenham os escoteiros em constante movimento, imprimindo a toda a acção a nota característica de aventura, enquadrada no espírito da Lei do Escoteiro, como regra do jogo, do grande jogo escoteiro. Neste programa fará incluir, de uma forma agradável, toda a técnica escoteira adquirida nas reuniões de sede.

O trabalho mais importante do Dirigente consiste exactamente na organização dos jogos e exercícios. No livro de B.-P. «Escotismo para Rapazes», encontraremos inúmeras sugestões para as nossas actividades, sugestões essas que a imaginação do Chefe enriquecerá com novas formas e modalidades. Para que os adolescentes se sintam vivamente interessados na actividade escotista, é indispensável que ela mantenha sempre o espírito alegre e a característica de aventura. E é aí que a habilidade do Dirigente se manifesta. Se o Grupo tem de se deslocar, organizará um jogo: As patrulhas seguem em exploração, tribos «inimigas» que se expiam e perseguem. O silêncio reina no campo durante a instalação porque as tribos adversas procuram descobrir o acampamento. De igual forma, não se deixam vestígios do acampamento para que os «rostos pálidos» não saibam quantas tendas se armaram, quais foram os alimentos cozinhados ou outras particularidades.

Ao procurar a lenha, cada patrulha parte em busca de um «tesouro» e «conquista» o terreno para a sua exploração, vigiando por que ele não seja «assaltado» pelos «inimigos». O engenho do chefe multiplicará os

(Conclui na 8.ª página)

Fidelidade ao Espírito de Baden-Powell

Não considero Baden-Powell um deus, nem sou um fanático do escotismo, que acho uma coisa muito natural de ser vivida.

Reconheço em Baden-Powell um espírito de óptimo companheiro, de um conselheiro conscienciosono sua tarefa. Ele criou um ideal, criou-o e fê-lo funcionar. Colocou de pé uma organização mundial que vive, que realiza, que UNE.

Criou-a com amor, com capricho. Convidou-nos a compartilhar das suas ideias, dos seus planos. Seria, pois, justo desrespeitar a sua doutrina? Meditem! Agora só porque ingressei no Escotismo, vou querer modificá-lo? Não! Devemos respeitá-lo, devemos FIDELIDADE ao espírito de Baden-Powell que colocou ao alcance das nossas mãos este tão belo traço de união.

Baden-Powell não quis que fizéssemos um Escotismo diferente, ele não só quis que aperfeiçoássemos o nosso carácter, como a nossa norma de viver, a nossa técnica escoteira, e isto não é modificar.

Sim! Estamos desprezando o espírito que ele idealizou, relaxamos as suas doutrinas cheias de sabedoria. Há quem queira fazer um escotismo que taxarei de «errado», quer seja na parte técnica, quer na moral. Escoteiros, Caminheiros e Chefes procurem SENTIR o espírito escoteiro, pois não basta ter diploma, é preciso ter um pouco de «queda». Pode-se conseguí-la? Como? Só existe uma **única maneira** de sucesso, que é procurando aproximar-se o mais possível das normas traçadas por Baden-Powell.

Não procurem inventar, o que seria perder tempo, pois o Escotismo já nasceu. Perfeição, não se adquire em dois tempos, mas cada passo dado nesse sentido, o Escotismo agradece.

E na sua cadeira de «bambu», no lugar que Deus lhe reservou, Baden-Powell há-de guiar-nos e fazer-nos SENTIR o rumo dado pela Flor de Lis.

FIDELIDADE ao espírito de Baden-Powell, é BEM SERVIR o Escotismo.

GEORGET LEFRANÇOIS

Da Revista «Alerta!»

«Mãezinha»

Recebemos mais um número deste jornal, órgão da Casa Mãe das Raparigas da Cidade, pelo qual tivemos oportunidade de saber que esta notável obra social continua a alargar a sua benemérita acção, amparando e educando muitas crianças absolutamente desprovidas de toda a assistência.

CINEMA

"SEMPRE CABE MAIS UM"

Quando se acaba de ver passar uma fita como «Sempre Cabe Mais Um», não se pode deixar de sentir uma sensação agradável de boa disposição, de bem estar espiritual, de satisfação completa. No entanto, tudo nesta produção cinematográfica é simples e quase familiar, dando a impressão de que o que perpassa nas suas variadas cenas poderia acontecer na nossa cidade com pessoas das nossas relações. Mas a verdade é que este filme reúne condições de agrado certo, para o qual muito contribui essa mesma simplicidade, desmentindo o conceito de que para se fazer um bom filme são necessários, usando a linguagem da publicidade, *clous* emocionantes, ou então crimes ou cenas grotescas e pouco edificantes. Esta película é alegre sem ser cómica: e tem um acentuado cunho moral e pedagógico sem se tornar pesada ou enfadonha. Da reunião destas virtudes, saiu um espectáculo como mandam os cânones cinematográficos, cheio de bulício, bom humor e com trechos de uma tocante ternura e de grande beleza moral.

A história, extraída de um livro de Ana Perroff Rose, conta a vida de uma família que, apesar de já ter três filhos, acolhe sob o tecto familiar duas criancinhas desprotegidas, ainda por cima consideradas incorrigíveis. O chefe da família, a princípio em desacordo com a adopção das crianças, vai aquiescendo depois, tornando-se por fim um colaborador eficaz da ternura e bom senso educativo de sua esposa na obra de regeneração dos dois pequenos rebeldes.

«Sempre Cabe Mais Um» é a divisa daquele lar feliz, onde a harmonia nunca é esquecida; até um pobre cão vadio e gatinhos recém-nascidos encontram abrigo e protecção intramuros daquele lar onde reina a generosidade e o amor.

Numa das partes mais interessantes da fita, foca-se o valor educativo do escotismo. Uma das crianças adoptadas — o rapaz —, torna-se escoteiro e o método de B.-P. tem nele profundas repercussões insuflando-lhe confiança nas suas próprias possibilidades, desenvolvendo-lhe o sentido de responsabilidade, e, em despeito do defeito que tanto diminuía a sua capacidade física, logra alcançar, ao cabo de dificílimas provas em que a sua força de vontade foi duramente provada, a classe «Águia», a mais elevada do escotismo americano, que corresponde à de «Escoteiro da Pátria» da nossa Associação.

E a película termina numa enternecedora cerimónia, em que a insígnia conquistada é entregue ao bravo escoteiro, o qual agradece a seus pais adoptivos o estímulo e o amor que tinham constituído para ele, um auxílio precioso na conquista da insígnia que acabava de lhe ser conferida.

Enfim, um filme de alto nível moral e de bom plano cultural e educativo, que interessa a todos que se queiram deliciar com umas horas de agradável disposição espiritual.

O «Sempre Pronto» expressa a todos os seus leitores e colaboradores os votos mais sinceros de um Natal muito feliz.

A Conferência de Dirigentes elegeu presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal o Sr. Comandante Henrique Tenreiro.

Conforme estava anunciado, efectuou-se nos dias 5 a 8 do corrente, no Pavilhão dos Desportos Náuticos, em Belém, a Conferência de Dirigentes dos Escoteiros de Portugal, na qual estiveram representados os grupos n.^{cs} 1, 2, 5, 6, 7, 9, 13, 35, 40, 52, 53, 60, 77, 79, 84, 85, 93, 94 e 99, e o nosso jornal.

As sessões foram todas presididas pelo Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, presidente dos Escoteiros de Portugal. A sessão inaugural foi secretariada pelo delegado da Mocidade Portuguesa, Sr. Dr. Alambre dos Santos, e pelo Sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, presidente da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, tendo usado da palavra o Sr. Eng.º Jardim e Dr. Tovar de Lemos.

As sessões de trabalhos foram sempre muito concorridas, tendo tomado parte na mesa os Srs. Delegado da M. P., Eng.º José Amaro, Secretário Geral da A. E. P., e a algumas sessões ainda o Sr. Dr. Cortez Pinto, presidente do Tribunal de Honra. Tomaram ainda parte nos trabalhos da mesa os Srs. Jorge Brotas Cardoso, Raul Matoso, e José Miranda de Melo.



O Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim
Presidente cessante dos Escoteiros de Portugal



O Sr. Comandante Henrique Tenreiro
Presidente eleito dos Escoteiros de Portugal

Recorda-nos ter visto, entre os convidados, nas sessões de trabalho, os antigos dirigentes Srs. Xavier de Brito, João Clímaco do Nascimento, Eduardo Rolão, Gastão Florêncio, Wolf Karl, José Rodrigues, João Trigueiros, Belo Redondo, Rúben Mata e Dr. Baltasar Rebelo de Sousa.

No dia 8 de manhã procedeu-se à eleição do presidente da associação, tendo sido eleito por aclamação o Sr. Comandante Henrique Tenreiro, antigo escoteiro e figura de grande relevo na vida nacional, única candidatura apresentada.

O presidente cessante, Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, foi, também, eleito pela Conferência para a Comissão de Honra dos Escoteiros de Portugal.

As sessões correram num ambiente de interesse, tendo especialmente tomado parte na discussão do regulamento e relatório da direcção os dirigentes Srs. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, João Madeira Leitão, Magalhães Ferraz, Armando Lino, Capitolino Ferreira Macedo, Belo Redondo, Joel Ribeiro e Eduardo Ribeiro.

Antes do encerramento da sessão, foi resolvido unânimemente enviar telegramas de saudação aos Srs. Presidentes da República e do Conselho, Ministro da Educação Nacional, Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa e Corpo Nacional de Escutas. A sessão terminou depois de ter sido entoado a canção «Eh lá!» e o Hino Nacional.

Por falta de espaço, o «Sempre Pronto» não pode, como desejava, dar um maior relato da Conferência, mas em separado são publicadas as respectivas resoluções.

Jantar de homenagem ao Eng.º Jorge Pereira Jardim

Dirigentes e Antigos Escoteiros reuniram-se no Domingo, dia 14 do corrente, num jantar de homenagem ao Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, em virtude de cessar o cargo de Presidente dos Escoteiros de Portugal. O jantar que se efectuou no Lar do Pescador, foi presidido pelo homenageado, ladeado pelos Srs. Dr. Alambre dos Santos, Dr. Cortez Pinto, Dr. Alfredo Tovar de Lemos e Eng.º Nobre Santos, com a participação de cerca de cinquenta elementos.

Usaram da palavra, enaltecendo a dedicação do Eng.º Jardim aos Escoteiros de Portugal e evocando o seu espírito escoteiro demonstrado no desempenho de altos cargos, os Srs. Madeira Leitão, Dr. Tovar de Lemos, Dr. Cortez Pinto, Francklim de Oliveira, Eng.º Nobre Santos e Dr. Alambre dos Santos, que descerrou a fotografia do homenageado que vai ser colocada na Sede central.

Foram recebidos muitos telegramas de saudação.

FEDERAÇÕES

Rebuscando alguns dos papéis que enchem a minha mesa de trabalho, encontro, num boletim de Seniores, publicado faz dois ou três anos, um artigo sem assinatura que tem o mesmo título que encabeça estas linhas. O artigo faz a apologia das Federações existentes naqueles países em que há mais de uma Associação Escoteira, considerando que tais Federações são uma conquista do Escotismo. «Prova do acerto da sua criação é que muitos países o têm adoptado». E cita como por exemplo o «Scoutisme Français», a «Fédération des Éclaireurs Suisses», a «Interfédérale Belge du Scoutisme», a União dos Escoteiros do Brasil e a «Svenka Scoutradet».

Dito deste modo, parece que a Federação de várias Associações Escoteiras num mesmo país é um progresso escotista, «uma das facetas mais interessantes de descentralização e ao mesmo tempo de Autonomia no Escotismo, porém, sempre dentro dos princípios da Lei Escoteira», quando, se pensamos um momento, chegaremos à conclusão de que as Federações são só uma solução transitória, um mal menor para aqueles países em que ainda não se chegou à unidade de todo o Escotismo nacional, supremo objectivo na ordem orgânica, e verdadeira interpretação da Lei Escoteira, e concretização do seu artigo 4.º, que é claro na sua afirmação de fraternidade por cima das diferenças de qualquer ordem.

As Federações nada têm que ver com a descentralização, como parece insinuar o articulista, senão que haverá descentralização ou não, segundo os Grupos de Escoteiros, verdadeira unidade básica da estrutura orgânica das Associações Nacionais, funcionem com autonomia no âmbito local, ou se encontrem ligados directamente a um organismo dirigente geral. E, felizmente, essa etapa centralizadora dos primeiros lustros do Escotismo, tem sido superada em todo o mundo.

* * *

A existência de uma Federação Escoteira que acolha no seu seio a duas ou mais Associações de um país, não pode considerar-se nunca um progresso, uma conquista. Poderá aceitar-se como um mal menor, como uma demonstração de boa vontade por parte dos dirigentes das Associações federadas, porém, de uma boa vontade de grau reduzido, posto que se essa boa vontade, se houvesse manifestado em toda a sua amplitude, a união das Associações em uma Federação ter-se-ia convertido na unidade dentro de uma só Associação Nacional.

Esta afirmação poderá parecer um tanto crua, porém atrevo-me a fazê-la porque tenho a certeza de que está no ânimo de todos, inclusivamente dos dirigentes das Associações federadas. A demonstração mais recente proporciona-nos o Brasil com a unificação total do Escotismo Nacional numa única associação, a União dos Escoteiros do Brasil, que simplifica aquele complicado labirinto das três Confederações, formadas por sua vez cada uma por um número variável de Federações dos Estados. A actual estrutura orgânica do Escotismo brasileiro está demonstrando uma eficácia admirável; e todos sabemos que não há centralização, senão espírito escotista.

Ainda que tenha tido menor ressonância, também queremos citar o exemplo dado pela «Unión de Exploradores Venezolanos» que, recentemente, concordaram em dissolver os seus Grupos e uni-los aos «Scouts de Venezuela», acabando assim com a dualidade de Associações.

É certo que existem características regionais ou locais que diferenciam a uns núcleos humanos de outros; porém, o Escotismo não foi criado para acentuar essas diferenças, mas antes, conservando o que de bom haja nelas, procurar que os homens, os grupos humanos, se apoiem em tudo aquilo que lhes é comum, para conseguir marchar pelo bom caminho para a felicidade.

A alegação de diferenças raciais, de costumes ou idiomáticas como base de divisão, implica uma estreiteza de vistas imprópria de alguém que se chame Escoteiro, ainda que se pretenda dissimulá-la com o recurso da Federação. A diferença maior que existe entre os núcleos humanos encontra-se na religião. Esta diferença salva-a o Escotismo com a sua estrutura orgânica à base de grupos independentes, livres ou patrocinados, que, como é natural, podem ser confessionais.

A união é boa, porém é melhor a unidade, e eu estou convencido de que não existe em nenhuma parte um motivo de divisão que não possa ser resolvido com a Lei Escoteira na mão. A este respeito, queria recordar as palavras que B.-P. pronunciou na V Conferência Internacional de Escotismo, celebrada em Arowe Park em 1929: «Existe um sentimento de desilusão no informe do Director ao falar de dissenções entre Grupos de Escoteiros de diferentes denominações, num ou dois países. Isto faz-nos ver que ali o espírito escoteiro ainda não está operando totalmente. Sem dúvida que chegará a fazê-lo; porém, digo a esses países: Fazei-o prontamente. Abri os olhos e vede com mais amplitude de vistas, fazendo que a unidade seja a meta dos vossos esforços. De outra maneira é impossível obter progresso verdadeiro».

E se alguém considera que o pensamento do chefe está antiquado porque as circunstâncias do mundo variaram desde então, reproduzir-vos-ei o que o Coronel Wilson, Director da Secretaria Internacional do Escotismo, referindo-se a este tema, escreveu recentemente em «Escultismo», do México: «É triste ter que comentar que depois de 19 anos, as mesmas palavras do Chefe podem ser repetidas com idêntica expressão de desilusão».

Onde os factos consumados não permitam outra coisa, admitamos a Federação, porém fixemos como meta a UNIDADE onde se estejam assentando as bases orgânicas para um Escotismo Nacional.

Madrid, Setembro de 1952

ENRIQUE GENOVÉS
(Ojo de Lince)

CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES

Ainda referindo-nos à Conferência de Dirigentes, poderemos resumir assim as suas conclusões:

1.º — Recomendar à Direcção Central que em comemoração do 40.º aniversário da fundação da A. E. P. se realizem uma Semana do Escoteiro e um Acampamento Nacional, desde que essas actividades se possam efectuar em condições de prestigiar o Movimento.

2.º — Submeter o projecto de Regulamento Geral a uma Comissão de Redacção, que foi eleita, que procurará redigi-lo de forma a que sejam observadas as boas regras da língua portuguesa, sejam suprimidas todas as expressões de sentido equívoco, retirada toda a matéria que pelo interesse restrito possa constar de outros meios de regulamentação, e constituir regulamentos anexos com os capítulos de formaturas e uniformes. Deverão ainda ser observadas todas as modificações feitas pela Conferência no texto do R. G. (texto do Compromisso de Honra, Patrulhas Escoteiras de 8 elementos e Bandos Lobitos de 6, Direcção de Grupo em vez de Comissão de Patrocínio, etc., etc.).

3.º — Aos Grupos é ainda concedido um prazo de 45 dias para fazerem sugestões sobre pontos que não tenham sido discutidos na Conferência.

4.º — Se num prazo de 6 meses a Comissão de Redacção não tiver terminado a organização do R. G., a Direcção deverá convocar a Conferência de Dirigentes para solucionar o problema.

Estes apontamentos são feitos de memória para suprir a falta das Conclusões, e estão, portanto, muito incompletos, mas esperamos que no próximo número do «S. P.» poderemos inserir o texto oficial completo.

É bom saber...

Todas as fontes de energia exploradas pelo homem têm origem na energia solar, cuja utilização pode ser directa ou indirecta. É sob esta última forma que é mais importante a preciosa contribuição do Sol para a vida do nosso planeta. Com efeito, quando queimamos madeira, carvão ou outro qualquer combustível, estamos apenas a provocar a libertação da energia que a radiação solar tem vindo a depositar nas florestas sob a forma de compostos de carbono: na combustão de uma árvore obtém-se a energia que as suas folhas receberam dos raios solares e armazenaram. Anàlogamente, a energia fornecida por uma queda de água é uma forma particular do calor solar, que evapora a água dos rios e deposita em níveis mais altos, donde cai, regressando aos seus reservatórios iniciais. Também a força motriz do vento é de origem solar, pois é o desigual aquecimento das diferentes regiões da superfície da Terra que provoca o deslocamento das camadas de ar. Finalmente, diremos ainda que é o calor resultante da transformação da energia solar que mantém a temperatura do nosso planeta num valor compatível com a vida.

J. J. Andrade dos Santos

(Transcrito do jornal «Ler»)

Comemorações do 1.º de Dezembro

Conforme é já tradicional, os Escoteiros tomaram parte nas comemorações do Dia da Restauração que se efectuaram junto ao monumento da Praça dos Restauradores. Apesar de, lamentàvelmente, este significativo feriado ter deixado de ser observado por grande parte do comércio e indústria, reuniram-se na Praça da Alegria deputações numerosas dos grupos da Associação dos Escoteiros de Portugal e do Corpo Nacional de Escutas que desfilaram em conjunto e colocaram um ramo de flores no Monumento.

Da A. E. P. tomaram parte os grupos n.ºs 1, 7, 10, 53, 79, 94, 99, e ainda o Grupo 85 que, pela primeira vez, se apresentou com o uniforme de escoteiros marítimos. Abria a formatura uma patrulha ciclista de Escoteiros de Portugal e os tambores e clarins do Grupo 99, que, com uma execução notável, tocaram ainda a continência junto ao Monumento. A apresentação deste corpo de clarins e tambores é boa, pena é que não adoptem o uniforme de calção.

O desfile terminou na Praça do Comércio depois dos contingentes das duas associações terem trocado saudações.

Escotismo é
Sistema de Patrulhas.

Sistema de Patrulhas
é Escotismo.

PELOS GRUPOS

GRUPO N.º 53

No dia 1.º de Dezembro p. p. realizou-se na Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo um serviço religioso promovido pelo Grupo de Escoteiros n.º 53 para comemorar a passagem do seu 19.º Aniversário. Assistiram à solenidade uma deputação do Grupo n.º 10 e o chefe do Grupo n.º 79, assim como muitos amigos e Antigos Escoteiros do grupo aniversariante.

O culto foi dirigido pelo Sr. António Rodrigues da Silva, e o Sr. Rev. Eduardo Moreira, na sua prática, dissertou sobre alguns dos artigos da Lei do Escoteiro, falando especialmente da obediência do escoteiro. Afirmou que todos os homens estão mais ou menos sujeitos à obediência. Até mesmo aqueles que desempenham cargos directivos têm de obedecer às leis que estão formuladas, assim como o chefe escotista tem de obedecer à Lei do Escoteiro e ao espírito que informa o Movimento. Terminou fazendo votos para que os escoteiros do «53» estejam «sempre prontos» para as boas obras.

No final do serviço religioso, o Sr. Armando Lino, chefe do grupo, leu a ordem de serviço que, entre outras disposições, concedia uma menção honrosa ao escoteiro chefe ajudante Sr. José dos Santos Ferreira, pela dedicação que tem demonstrado no desempenho do seu cargo.

Os aspirantes Hélder José Brás Martins, Álvaro dos Santos Rico, Vasco Manuel Pereira de Almeida e Diamantino Pereira Machado, prestaram, em seguida, o compromisso, tendo anteriormente o chefe proferido algumas palavras sobre a responsabilidade do acto que iam praticar.

O chefe dos serviços administrativos, Sr. Mário Rocha Santos, leu o relatório das actividades do ano, de que fazem parte numerosos acampamentos, exercícios, festas, colaboração em actividades doutros grupos, etc.

A findar a cerimónia, falou o Sr. Rev. Eduardo Moreira, que teve palavras de muito apreço para o grupo da sua Igreja.

A seguir, na sede do grupo, foi servido pelos escoteiros um chá aos assistentes, que decorreu dentro de um agradável ambiente escotista, durante o qual foram entoadas as vibrantes estrofes do hino «Prontidão do Escoteiro», tendo o Sr. Rev. Moreira entregue as estrelas de serviço aos numerosos escoteiros que a elas tinham jus.

GRUPO N.º 12

Na sede deste novo grupo, anexo à Juventude Evangélica Portuguesa, realizou-se em 6 do corrente, o descerramento da fotografia de Baden-Powell, tendo o Chefe do Grupo, Sr. João Carlos Mamede, falado aos escoteiros àcerca da vida do fundador do Escotismo.

Em Novembro passado este grupo visitou o n.º 10, na Rua de S. Bento, onde efectuou uma reunião de conjunto. No final as Senhoras da Igreja Presbiteriana ofereceram um chá aos escoteiros.

GRUPO N.º 79

No passado dia 16 de Novembro, o grupo 79 levou a efeito mais uma actividade escotista na sua sede, no Palácio das Necessidades.

Às 15 horas, na presença do E. C. G. Eng.º Sr. José Maria Nobre Santos, Sr. Joaguim Santana, Presidente da Comissão de Patrocínio do Grupo; do «Velho Lobo», ex-chefe do 79, Sr. José de Carvalho; do Sr. Artur Ferreira do Carmo, do 5; e de algumas senhoras, entre as quais a chefe de Alcateia do 79, D. Maria de Lurdes, prestaram compromisso os novos escoteiros Silvestre Anselmo Nunes, António Nunes Ribeiro e Cristiano Brito da Silva, tendo também ratificado o Compromisso dois outros escoteiros.

Depois de algumas palavras de incitamento, e acerca do significado daquele acto, o E. C. G. fez entrega dos diplomas de 3.ª classe aos neófitos e condecorou com a medalha de «Dedicação e Bons Serviços» o actual chefe interino do Grupo, E. S. Fernando de Carvalho. Estiveram presentes deputações dos grupos da A. E. P. 1, 2, 5, 7, 10, 53, 94 e 99 e aspirantes do Grupo 12 em organização na Juventude Evangélica Portuguesa, na companhia do seu futuro chefe João Mamede. Sob a direcção e conhecida boa disposição do E. C. Armando Lino, do 53, foram executados alguns jogos pelos rapazes dos grupos representados, deixando os visitantes muito satisfeitos.

GRUPO N.º 94

O Grupo da Ajuda procedeu a obras na sua sede. Inaugurada em 1940, a sede do 94 bem precisava de uma boa remodelação. Os seus dirigentes e escoteiros meteram mãos ao trabalho e a primeira fase está pronta. Faltam as decorações. Para comemorar este acontecimento, realizou-se uma festa para a qual foram convidados os grupos 10, 53 e os aspirantes dos grupos em organização na Juventude Evangélica Portuguesa e na Igreja Presbiteriana Lisbonense, da Rua Febo Moniz.

A parte solene, para Promessa de novos lobitos, Compromisso de Honra do Aspirante-Escoteiro José Fernando Marinho e entrega de pescadinha aos guias de Bando, foi presidida pelo Rev. Dr. G. Azevedo Meyer, secretariado pelos Srs. Américo da Silva Baptista e Eduardo Ribeiro. O Rev. Meyer dirigiu algumas palavras aos escoteiros, recordando o tempo em que ele próprio foi escoteiro, exortando-os a bem cumprir a Promessa Escoteira.

Seguiu-se um Concurso entre Patrulhas dos Grupos 10, 53, 94 e 12, que constou dum torneio de *pingue-pongue* e diversas provas escoteiras. Os grupos 53 e 94 empataram, ganhando este o primeiro prémio por ter apresentado a patrulha completa. O primeiro prémio foi um machado, o segundo um ancinho, e foi ainda entregue um talher ao Grupo da J. E. P., como prémio pela forma notável como os seus aspirantes já disputaram o Concurso, revelando bons conhecimentos das provas de 3.ª e 2.ª classes.

O Director do nosso jornal felicitou os grupos pelo êxito do Concurso.

DO ENTRONCAMENTO

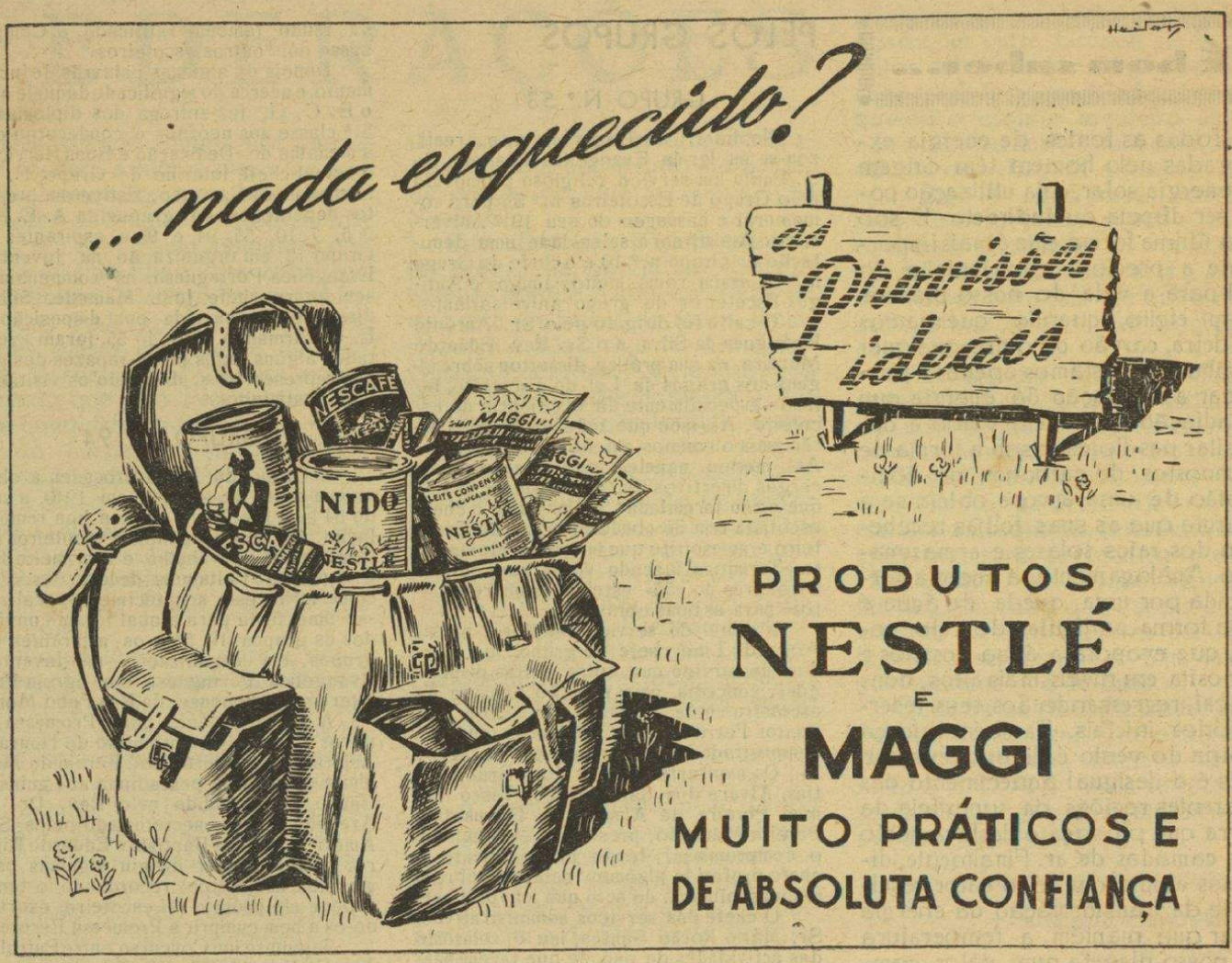
GRUPO N.º 84

Este Grupo e a sua Banda tomaram parte, no dia 23 de Novembro passado, nos actos inaugurais, que se efectuaram no Entroncamento, de um bairro para famílias pobres, um bairro económico, Corporação de Bombeiros Voluntários e outros melhoramentos, tendo feito a guarda de honra ao Sr. Governador Civil.

Nos dias 8 e 9 do corrente o grupo cooperou nos exercícios de D. C. T. realizados no Entroncamento.

Conclusões da Conferência de Dirigentes

Apesar de termos diligenciado publicar neste número as conclusões e resoluções da Conferência de Dirigentes, lamentamos ter de informar que as mesmas nos não foram entregues até à saída do «*Sempre Pronto*», apesar do atraso com que, por esse motivo, o jornal foi publicado.



Novos rumos para os Escoteiros de Portugal

(Conclusão da 4.ª página)

temas: combates entre tribos adversárias, busca de tesouros, libertação de prisioneiros, lutas com dragões, assaltos a castelos, identificação de «criminosos», histórias fantásticas que despertarão a curiosidade e o interesse de todos os rapazes, fazendo apelo às suas energias, capacidades e sentimentos. Conforme diz o experiente Chefe francês Sainderichin, «ofereçamos aos nossos rapazes emboscadas, ataques, emoções. Assim veremos os seus olhos brilhar de prazer, de ansiedade e de interesse, e os músculos enrijar sob o esforço». Acrescentaremos que neste ambiente se afirmarão as virtudes mais salientes do carácter escoteiro, aplicados no jogo como regra de conduta.

Na sede será ainda o sistema de patrulhas que oferecerá a nota de interesse e manterá o entusiasmo dos escoteiros. Mas sistema de patrulhas autêntico e não mera divisão do efectivo em grupinhos de 7 ou 8 rapazes. Patrulhas livres da constante tutela e fiscalização do chefe. Patrulhas onde os rapazes se sintam no seu próprio meio, governando e dirigindo, imaginando aventuras, projectando iniciativas, vivendo alegremente em camaradagem.

Grupos assim não enfraquecem, muito menos morrem. Vivem, desenvolvem-se mantendo os escoteiros em constante actividade e recebendo sempre novos elementos ansiosos de comparticipar no grande jogo. Daqui lançamos um apelo especial a todos os nossos camaradas Chefes de Grupo para que limpem a *ferrugem* das suas unidades, e, dando-lhes um banho forte de AVENTURA, iniciem uma nova era de prosperidade para os Escoteiros de Portugal.

LOBO VELHO

Ler e propagar o «Sempre Pronto» é valorizar o Escotismo. Por isso a nossa campanha para mais 100 assinaturas não terminou ainda.

O «Sempre Pronto» em Olhão

O nosso caro amigo Escoteiro-Chefe Sr. Francisco Militão dos Santos, que desde a primeira hora nos honrava com a representação do nosso jornal em Olhão e a quem o «Sempre Pronto» deve serviços do maior relevo, acaba de nos solicitar a demissão por motivos da sua vida particular.

É com pesar que vemos afastar-se dos nossos serviços tão dedicado colaborador, a quem apresentamos as nossas homenagens pela forma como sempre desempenhou o seu cargo, agradecendo a sua colaboração e afirmando-lhe que esperamos continuar a contar com a sua cooperação e simpatia.

● Para desempenhar o cargo vago em Olhão, foi convidado o nosso caro Amigo Sr. Francisco do Nascimento Pina, actual Chefe do Grupo 6, que quis aceder a nos dar a sua colaboração. Já se encontra no desempenho da sua missão, da qual, estamos certos, muito o «Sempre Pronto» beneficiará.

• • o • •

Os Escoteiros de Lourenço Marques vão homenagear o Sr. Comandante Henrique Tenreiro

O jornal «Notícias» de Lourenço Marques, segundo informação da Agência Lusitana, publicou uma carta assinada por Cláudio Vaz, sugerindo que os antigos escoteiros daquela cidade aproveitem a presença do sr. Comandante Henrique Tenreiro para o felicitarem pela sua eleição para presidente dos Escoteiros de Portugal.